

## CULTURAS LOCAIS

### LOCALISMOS EXTREMOS: A VIDA NÃO É SÓ O QUE SE VÊ

*Gustavo Coelho*

Não sou formado / Mas sou informado

Leonel – O Rapper do “Charpi”



Alguém consegue percorrer qualquer distância em uma megalópole sem ser seduzido por algum atrativo visual? Vivemos em uma sociedade cujo globalismo talvez mais evidente seja a hegemonia do visual – categoria do sentido que, como todo agenciamento, intensifica seu caráter ativo quando este é revestido por uma passividade em cujas vísceras algo simbolicamente violento circula.

Fica evidente aqui o papel central da linguagem publicitária, a qual cada vez mais troca o uso permitido do espaço público para constituir-se no próprio espaço público da metrópole. Enquanto isso, nós, corpos

circulantes, somos reduzidos, especialmente por jornalistas cooptados, a dados que evidenciam em números o que Foucault (2007) denunciou como o desejo por corpos dóceis, ou seja, submetidos ao poder moral disciplinador, que hoje se liquidificou para além da instituição escola, ganhando espaço nos discursos oficiais dos “bons” que, sob a tutela do sonho civilizatório, polarizam seus privilégios.

De todo modo, como Foucault (*op. cit.*) salientou, o desejo por tais corpos dóceis, não resulta em corpos obedientes. De fato, o que é recalcado por tais aparentes “bondades” encontrará, na juvenilidade, um espaço convidativo para a eclosão. Um indício de tal potência é o “Bonde do Charpi” (Galera da Pichação), ou seja, um localismo carioca de resistência estético-corporal. Meninos e meninas (até meninas?! – diriam as/os machocratas) que saem para “missões” colocando seus nomes o mais “mídia” e o mais eterno possível. “Olha pro alto!” A fim de discutir alguns aspectos das práticas desta galera, que, de maneira nenhuma, será reduzida a estas linhas, lançarei mão de três fotografias:

Se um destes jovens comentasse a primeira foto, poderia dizer: “Cara esse paredão é mó m ídia!”, uma vez que fica de frente para duas das principais vias do Rio de Janeiro. Desta forma, se valem dos mesmos valores da publicidade “bonita” para, no interior deles, deixarem um gosto de “corpos amargos”. Um amargo que, de fato, se transfigura também pela potência evidenciada no próprio corpo que escala a cidade. Da Pavuna ao Leblon e do subsolo ao 10º andar.

Nesta mesma rua, especialmente no final da década de 80, se consagra o *graffitti*. Arte que, por primar pela composição e expandir seu leque de cores, acaba sendo mais facilmente cooptada por certa moral estética. De todo modo, estes jovens se permitem a livre hibridização de identidades. Muitos deles trafegam confortavelmente entre o *graffitti* e o “charpi”, quase que como entre o mundo e o submundo.

Falo do *graffitti*, uma vez que a segunda foto é de um. “A vida que Deus me deu não é a que meu pai escolheu”. Enquanto Nietzsche, em seu “O Anticristo” do século XIX, ainda se amargurava pelo fato de a humanidade cristã-ocidental ter passado quase 2 mil anos sem criar um único Deus; na nossa pós-modernidade, até Deus se hibridiza. Fica evidente que o Deus

aqui enunciado não é o mesmo paternalista de Nietzsche. Se aquele mesmo Deus moderno ainda vivesse, de maneira nenhuma daria a alguém uma vida de "pichador". Se por acaso isso acontecesse, o pecador deveria ser dura mente "consertado". Porém, hoje, com um Deus irremediavelmente plural, o Deus do filho não é mais o mesmo para o qual o pai reza.

Já a terceira foto, deixa evidente a sina publicitária em "limpar" e capitalizar ações cuja potência emancipatória cause o gosto "amargo". De todo modo, tais estratégias jamais conseguirão reduzir as táticas cotidianas (CERTEAU, 1994) desses agentes urbanos aos departamentos financeiros, educacionais e civilizatórios.

Em suma, a vida não é só aquilo que se vê, ou que se é induzido a ver pelo globalismo dos mercadores de sentidos (RONSINI, 2007). Há vida nos localismos extremos. Onde ninguém quer passar, alguém cisma em atravessar. E não seria essa a vida que de fato ainda faz pulsar a metrópole?

.....

### **Sobre o(a) autor(a):**

Gustavo Coelho: Bacharel em Comunicação Social [UERJ]; mestrando em Educação [ProPEd/UERJ]; integrante do grupo de pesquisa "Linguagens desenhadas e educação".

### **Referências bibliográficas (ou textuais):**

- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. O Anticristo: ensaio de crítica do cristianismo. São Paulo: Escala, 2007.
- RONSINI, Veneza V. Mayora. Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.